

A CONSTRUÇÃO NARRATIVA DA CONSCIÊNCIA MORAL: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE A BÍBLIA HEBRAICA E A FICÇÃO DE MACHADO DE ASSIS

Antonio Cilírio da Silva Neto (UEMA)

antonioneto5@professor.uema.br

Raquel Alves da Silva Aguiar (FMRB e FAPEMA)

raquelalvesprofessora@gmail.com

RESUMO

Esta pesquisa investiga a construção narrativa da consciência moral por meio de um estudo comparativo entre narrativas da Bíblia Hebraica e a ficção de Machado de Assis. Parte-se da hipótese de que a consciência moral não antecede a narrativa, mas se constitui no próprio processo narrativo de atribuição de sentido à experiência humana. O estudo analisa as narrativas de Adão e Eva (Gn 3), Caim e Abel (Gn 4), Judá e Tamar (Gn 38) e Davi e Natã (2Sm 11–12), em diálogo com “A Cartomante”, “O Enfermeiro”, “Dom Casmurro” e “Memórias póstumas de Brás Cubas”. A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, bibliográfica e comparativa, fundamentada na narratologia, na hermenêutica e na crítica literária. A análise evidencia que, em ambas as tradições, a narrativa não apenas representa acontecimentos, mas configura a experiência, reorganiza a memória e participa da constituição da identidade e da responsabilidade moral das personagens. Embora as narrativas bíblicas privilegiem o reconhecimento da responsabilidade e Machado de Assis explore a ambiguidade, a ironia e a instabilidade interpretativa, ambos os corpora convergem ao apresentar a narrativa como espaço privilegiado de elaboração da experiência moral. Conclui-se que a consciência moral emerge da configuração narrativa da experiência, evidenciando a relevância desse diálogo para os estudos literários.

Palavras-chave:

Narrativa. Consciência moral. Literatura comparada.

ABSTRACT

This study investigates the narrative construction of moral consciousness through a comparative analysis of narratives from the Hebrew Bible and the fiction of Machado de Assis. It is based on the hypothesis that moral consciousness does not precede narrative but is constituted through the narrative process of attributing meaning to human experience. The study examines the narratives of Adam and Eve (Gen. 3), Cain and Abel (Gen. 4), Judah and Tamar (Gen. 38), and David and Nathan (2 Sam. 11–12) alongside Machado de Assis’s “The Fortune Teller” (“A Cartomante”), “The Attendant’s Confession” (“O Enfermeiro”), “Dom Casmurro”, and “The posthumous memoirs of Brás Cubas” (“Memórias póstumas de Brás Cubas”). The research is qualitative, bibliographical, and comparative, grounded in narratology, hermeneutics, and literary criticism. The analysis demonstrates that, in both traditions, narrative not only represents events but also configures experience, reorganizes memory, and contributes to the constitution of characters’ identity and moral responsibility. Although the biblical narratives emphasize the recognition of responsibility, Machado de Assis explores ambiguity, irony, and interpretive

instability. The study concludes that moral consciousness emerges from the narrative configuration of experience, highlighting the relevance of this dialogue for literary studies.

Keywords:

Narrative. Comparative literature. Moral consciousness.

1. Introdução

A narrativa constitui uma das principais formas de elaboração da experiência humana. Mais do que registrar acontecimentos, ela organiza temporalmente a experiência, interpreta ações, constrói memórias e atribui sentido às relações que os indivíduos estabelecem consigo mesmos, com o outro e com o mundo. Nesse processo, a narrativa não apenas representa a realidade, mas participa da construção da experiência moral, configurando modos de compreender conflitos, responsabilidades, desejos e escolhas.

Essa dimensão torna-se particularmente evidente nas narrativas da Bíblia Hebraica e na ficção de Machado de Assis. Embora pertençam a contextos históricos, culturais e estéticos distintos, ambas apresentam personagens marcados por ambiguidades, conflitos interiores e processos de interpretação de si mesmos. Em vez de oferecer modelos morais estáticos, esses textos exploram como a experiência humana é continuamente narrada, reinterpretada e ressignificada diante da culpa, da responsabilidade, da violência e do desejo.

A crítica literária tem demonstrado a riqueza narrativa dessas tradições. Nos estudos bíblicos, autores como Erich Auerbach (2021), Robert Alter (2007) e Meir Sternberg (1985) evidenciaram a complexidade estética da narrativa hebraica, marcada pela economia narrativa, pelas lacunas e pela participação ativa do leitor na construção do sentido. No campo machadiano, Roberto Schwarz (2000) e Helen Caldwell (2002) destacaram a centralidade da memória, da ironia e da instabilidade narrativa na constituição das personagens. Paralelamente, as contribuições de Paul Ricoeur (1994; 2014), Wayne Booth (1980) e James Phelan (2007) oferecem instrumentos para compreender a narrativa como espaço de constituição da identidade e do julgamento moral.

Apesar da consolidação desses estudos, ainda são escassas as pesquisas que aproximam sistematicamente a Bíblia Hebraica e a ficção machadiana a partir de um mesmo problema narratológico. Em geral, as comparações privilegiam aspectos históricos, filosóficos ou temáticos, permanecendo em segundo plano a investigação dos procedimentos narrativos por meio dos quais as personagens constroem interpretações de si, reorganizam a memória e atribuem sentido moral às próprias ações.

Diante desse cenário, esta pesquisa busca responder ao seguinte problema: como as estratégias narrativas presentes na Bíblia Hebraica e na ficção de Machado de Assis participam da construção da consciência moral das personagens? Parte-se da hipótese de que a consciência moral não antecede a narrativa, mas se constitui e se reorganiza no próprio processo narrativo de interpretação da experiência. Assim, tanto na Bíblia Hebraica quanto na ficção machadiana, a narrativa não apenas relata acontecimentos, mas participa da configuração da identidade e da responsabilidade moral das personagens.

O objetivo geral consiste em investigar de que maneira as estratégias narrativas presentes na Bíblia Hebraica e na obra de Machado de Assis participam da construção da consciência moral das personagens. Especificamente, pretende-se analisar como a organização narrativa produz sentido moral; compreender o papel do narrador, da perspectiva e das lacunas na constituição da experiência ética; investigar as relações entre identidade narrativa, desejo, culpa e responsabilidade; e desenvolver uma leitura comparativa que evidencie aproximações estruturais entre as duas tradições literárias.

A pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, de natureza qualitativa, fundamentada na literatura comparada, na narratologia e na hermenêutica filosófica. O estudo toma como *corpus* narrativas da Bíblia Hebraica e contos e romances de Machado de Assis, articulando as contribuições de Paul Ricoeur, Robert Alter, Erich Auerbach, Meir Sternberg, Shlomith Rimmon-Kenan, Wayne Booth, James Phelan, Helen Caldwell e Roberto Schwarz.

Este artigo organiza-se em cinco seções. A primeira apresenta os fundamentos teóricos da pesquisa; o segundo analisa a construção narrativa da consciência moral na Bíblia Hebraica; o terceiro discute esse processo na ficção de Machado de Assis; o quarto desenvolve a análise comparativa entre as duas tradições; e o quinto reúne as considerações finais, retomando a hipótese e os resultados alcançados. Ao aproximar a narrativa bíblica e a obra machadiana, a pesquisa busca contribuir para os estudos literários ao evidenciar que a consciência moral emerge não apenas das ações das personagens, mas da forma como essas ações são narradas, reinterpretadas e submetidas ao julgamento do leitor.

2. Narrativa e experiência humana: fundamentos para a construção da consciência moral

A experiência humana não se apresenta ao sujeito como uma realidade plenamente ordenada. As ações, os acontecimentos e os conflitos que constituem a existência ocorrem de maneira descontínua, exigindo um processo capaz de organizar o vivido em uma estrutura significativa. Nesse contexto,

a narrativa deixa de ser compreendida como simples representação da realidade para assumir uma função configuradora da experiência. Narrar não significa apenas relatar acontecimentos, mas organizá-los de modo a estabelecer relações entre ações, sujeitos, temporalidade e consequências.

Essa compreensão constitui o ponto de partida da reflexão de Paul Ricoeur em *Tempo e Narrativa*. Para o filósofo, a narrativa não se estrutura em torno de acontecimentos isolados, mas da experiência humana que esses acontecimentos configuram, pois “finalmente as narrativas têm como tema agir e sofrer” (Ricoeur, 1994, p. 90). A ação e o sofrimento deixam de representar apenas fatos da existência para constituírem o próprio objeto da construção narrativa.

Ao organizar os acontecimentos em uma configuração inteligível, a narrativa produz uma forma específica de compreensão da experiência. Como observa Ricoeur, “a narrativa não se limita a fazer uso de nossa familiaridade com a trama conceitual da ação. Acrescenta a esta os traços discursivos que a distinguem de uma simples sequência de frases de ação” (Ricoeur, 1994, p. 90).

O sentido, portanto, não decorre da sucessão cronológica dos fatos, mas da maneira como a narrativa estabelece conexões entre ações, intenções e consequências. Nesse processo, a narrativa não apenas representa a realidade, mas a interpreta, produzindo uma configuração capaz de tornar inteligível a experiência humana. Essa perspectiva amplia igualmente a compreensão da ação narrativa. Em *Tempo e Narrativa II*, Ricoeur demonstra que a ação não se restringe às transformações exteriores vividas pelas personagens, mas compreende também seus processos interiores de formação moral. Segundo o autor,

Por ação, deve-se entender mais do que a conduta dos protagonistas produzindo mudanças visíveis da situação [...]. É ainda ação, num sentido amplo, a transformação moral de um personagem, seu crescimento e sua educação, sua iniciação à complexidade da vida moral e afetiva. (Ricoeur, 1995, p. 19)

A narrativa passa, assim, a representar não apenas o que acontece às personagens, mas também a maneira como elas interpretam suas experiências e reorganizam o sentido de suas ações. A transformação moral integra a própria ação narrativa, tornando-se elemento constitutivo da configuração da experiência.

Essa compreensão modifica igualmente a noção de personagem. Em vez de representar uma identidade previamente definida, a personagem constitui-se progressivamente no interior da narrativa, por meio das relações que estabelece com os acontecimentos e com os demais sujeitos da trama. Como afirma Ricoeur, “é possível deslocar a noção de mimese da ação para o per-

sonagem e do personagem para o discurso do personagem.” (Ricoeur, 1995, p. 147).

A identidade narrativa deixa, portanto, de corresponder a uma essência fixa para emergir do próprio desenvolvimento da intriga. Personagem e narrativa constroem-se reciprocamente, de modo que as escolhas, os conflitos, a memória e a linguagem participam da constituição da experiência humana representada pelo texto.

Essa concepção permite compreender a narrativa como um espaço privilegiado de elaboração da experiência moral. Ao organizar ações, personagens e temporalidades em uma configuração significativa, a narrativa torna possível interpretar conflitos, responsabilidades e transformações éticas que não seriam plenamente compreendidos por uma simples sucessão de acontecimentos. É precisamente essa capacidade configuradora que fundamenta a hipótese desta pesquisa: a consciência moral não antecede a narrativa, mas emerge do modo como ações, memórias e interpretações são organizadas ao longo da experiência narrada. Essa perspectiva servirá de base para a análise das narrativas da Bíblia Hebraica e da ficção de Machado de Assis, investigando de que maneira ambas constroem narrativamente a consciência moral de suas personagens.

3. A construção narrativa da consciência moral

Se a seção anterior demonstrou que a narrativa organiza a experiência humana, configura a ação e envolve o leitor na construção do sentido, torna-se necessário investigar de que modo essa organização narrativa participa também da constituição do próprio sujeito. Em Paul Ricoeur (2014), a identidade humana não é concebida como uma essência fixa nem como um conjunto estável de características psicológicas. Ao contrário, ela constitui-se no tempo por meio da interpretação que o sujeito realiza de sua própria existência. Nesse contexto, a narrativa deixa de ser apenas uma forma de representar a vida para tornar-se uma condição de sua compreensão.

Essa perspectiva encontra sua formulação mais conhecida em O si-mesmo como outro, quando Ricoeur afirma que: “A identidade narrativa realiza a mediação entre a identidade do mesmo (*idem*) e a identidade do si (*ipse*)” (Ricoeur, 2014, p. 168).

A distinção entre identidade-*idem* e identidade-*ipse* permite compreender que a permanência do sujeito não decorre da imutabilidade de suas características, mas da capacidade de reconhecer-se como o mesmo ao longo das transformações da existência. A narrativa opera essa mediação ao organizar temporalmente ações, experiências, lembranças e expectativas, confe-

rindo unidade a uma vida que, em si mesma, apresenta-se fragmentária. Por essa razão, Ricoeur afirma que: “Compreender uma vida é compreendê-la como uma narrativa” (Ricoeur, 2014, p. 174).

A vida humana não se oferece imediatamente como uma totalidade dotada de sentido. É somente pela articulação narrativa que acontecimentos dispersos podem ser relacionados entre si, permitindo ao sujeito interpretar o passado, compreender o presente e projetar o futuro. A narrativa constitui, assim, o espaço no qual memória, temporalidade e identidade se integram em uma unidade inteligível.

Entretanto, essa unidade não permanece restrita ao plano da compreensão. Para Ricoeur, toda narrativa envolve ações realizadas por alguém e, por isso, remete inevitavelmente à figura do agente. Como observa o autor, “a ação só pode ser compreendida em relação ao agente” (Ricoeur, 2014, p. 109).

Não existe ação sem sujeito, assim como não existe sujeito que possa ser compreendido à margem das ações que realiza. A identidade narrativa constitui-se precisamente pela relação entre o agir e aquele que age. É nesse ponto que a reflexão narrativa se aproxima da dimensão ética.

Se as ações pertencem a um agente identificável, elas também podem ser atribuídas a esse agente. Surge, então, a possibilidade da responsabilização. Ricoeur sintetiza essa passagem ao afirmar: “O si só pode estimar-se a si mesmo como capaz de responder por seus atos” (Ricoeur, 2014, p. 199).

Responder pelos próprios atos significa reconhecer-se como autor de uma história cujos acontecimentos não permanecem moralmente neutros. A identidade narrativa torna possível a imputação porque estabelece uma continuidade entre o sujeito e suas ações, permitindo que escolhas, promessas, faltas e responsabilidades sejam compreendidas como pertencentes à mesma trajetória existencial.

Dessa forma, a consciência moral não deve ser entendida como uma faculdade isolada ou como um atributo previamente constituído do indivíduo. Ela emerge do próprio processo narrativo pelo qual o sujeito interpreta sua vida, reconhece suas ações e assume a responsabilidade por elas. A narrativa não apenas representa decisões morais; ela oferece a estrutura mediante a qual essas decisões podem ser compreendidas, avaliadas e integradas à identidade do agente.

Essa concepção possui consequências decisivas para a presente pesquisa. Se a consciência moral constitui-se narrativamente, então sua investigação não depende da identificação de princípios éticos abstratos, mas da análise das estratégias narrativas que configuram ações, personagens, memó-

ria e responsabilidade. É precisamente nesse horizonte que a Bíblia Hebraica e a ficção de Machado de Assis podem ser aproximadas: ambas constroem sujeitos cuja consciência moral se revela menos por definições explícitas do que pela maneira como suas histórias são narradas.

4. A construção narrativa da consciência moral em narrativas da bíblia hebraica

A investigação da consciência moral na Bíblia Hebraica exige que o texto bíblico seja compreendido, antes de tudo, como narrativa. Em vez de expor conceitos, ela relata ações; em lugar de desenvolver tratados sobre o bem e o mal, apresenta personagens que agem, sofrem, escolhem, fracassam e enfrentam as consequências de seus atos. Nesse sentido, a experiência moral não se encontra separada da narrativa, mas constitui um efeito de sua própria configuração literária.

Essa compreensão encontra fundamento na hermenêutica narrativa de Paul Ricoeur (1994), para quem a narrativa possui como objeto privilegiado a própria experiência humana. Segundo o filósofo, “finalmente as narrativas têm como tema agir e sofrer” (Ricoeur, 1994, p. 90). A narrativa organiza acontecimentos, mas, sobretudo, organiza ações humanas dotadas de significado, inserindo-as em uma sequência inteligível que permite compreender as relações entre decisão, responsabilidade e consequência. Como afirma Ricoeur, a narrativa “não se limita a fazer uso de nossa familiaridade com a trama conceitual da ação. Acrescenta a esta os traços discursivos que a distinguem de uma simples sequência de frases de ação” (Ricoeur, 1994, p. 90).

Essa concepção mostra-se particularmente fecunda para a leitura da Bíblia Hebraica. Conforme observa Robert Alter (2007), a força literária do texto bíblico reside precisamente na elaboração consciente de seus procedimentos narrativos. Segundo o autor,

Qual o papel da arte literária na formação da narrativa bíblica? Um papel crucial, [...] determinando [...] a escolha minuciosa das palavras e dos detalhes relatados, o ritmo da narração, os pequenos movimentos do diálogo e toda uma rede de interconexões ramificadas no texto. (Alter, 2007, p. 1)

A observação de Alter permite compreender que a narrativa bíblica não pode ser reduzida ao conteúdo dos acontecimentos que relata. Sua força reside na maneira como organiza linguisticamente a experiência narrada. Cada silêncio, cada repetição, cada diálogo e cada detalhe aparentemente secundário participa da construção do significado do texto. Por essa razão, Alter adverte que o estudo da narrativa bíblica não deve restringir-se à descrição de suas estruturas formais, mas buscar “!uma compreensão mais pro-

funda dos valores, da visão moral incorporada em um tipo específico de narrativa” (Alter, 2007, Prefácio).

Essa participação ativa do leitor constitui um dos aspectos centrais da teoria narrativa de Meir Sternberg (1985). Para o autor, o significado da narrativa bíblica não decorre exclusivamente dos acontecimentos narrados, mas das estratégias por meio das quais o texto distribui informações entre narrador, personagens e leitor. Nesse sentido, “a Bíblia comunica sua mensagem por meio da estrutura narrativa e das estratégias pelas quais essa estrutura opera” (Sternberg, 1985, p. 13). Do mesmo modo, “as lacunas constituem um dos princípios organizadores da narrativa” (Sternberg, 1985, p. 186), de modo que o processo interpretativo passa a integrar a própria construção do texto.

À luz dessas contribuições, torna-se possível afirmar que a consciência moral, na Bíblia Hebraica, constitui menos o tema das narrativas do que um efeito de sua construção literária. A moralidade não é apresentada prioritariamente sob a forma de preceitos, mas emerge da configuração narrativa da ação, da complexidade das personagens e da participação interpretativa do leitor. É justamente esse processo que será examinado nos tópicos seguintes, por meio da análise das estratégias narrativas que estruturam algumas das principais personagens da tradição bíblica.

A análise das narrativas de Adão e Eva, Caim, Judá e Davi demonstra que a consciência moral, na Bíblia Hebraica, não é apresentada como um conceito abstrato nem como um conjunto de preceitos sistematizados. Ela emerge do desenvolvimento da narrativa, acompanhando personagens que agem, enfrentam as consequências de suas escolhas e, em diferentes níveis, reconhecem ou recusam sua responsabilidade. A moralidade, assim, constitui um efeito da própria configuração narrativa, e não um elemento externo ao texto.

Observa-se, ainda, um movimento progressivo na construção dessa consciência. Em Adão e Eva, a transgressão inaugura a experiência da vergonha; em Caim, a responsabilidade é ampliada para a relação com o outro; em Judá, a consciência manifesta-se no reconhecimento da própria culpa; e, em Davi, a narrativa revela sua capacidade de despertar o julgamento moral por meio da parábola de Natã. Em cada episódio, a consciência moral assume formas distintas, evidenciando que ela se desenvolve à medida que a narrativa aprofunda a experiência das personagens.

Essa progressão confirma a hipótese que orienta esta seção: na Bíblia Hebraica, a narrativa não apenas representa conflitos morais, mas constitui o principal meio de sua construção. Essa constatação fornece a base para a seção seguinte, que investigará como a ficção de Machado de Assis mobiliza

estratégias narrativas semelhantes para representar a formação da consciência moral em suas personagens.

5. *A construção narrativa da consciência moral na ficção de Machado de Assis*

Se, na narrativa bíblica, a consciência moral emerge progressivamente a partir da configuração das ações, dos silêncios e dos processos de reconhecimento vividos pelas personagens, na ficção de Machado de Assis esse mesmo processo assume uma forma distinta. Em vez de oferecer ao leitor uma sequência narrativa orientada para a explicitação do conflito moral, Machado constrói narradores e personagens cuja percepção dos acontecimentos permanece atravessada pela ironia, pela ambiguidade e pela instabilidade interpretativa. A consciência moral deixa de constituir um dado evidente do enredo para tornar-se um efeito da própria experiência da leitura, exigindo que o leitor avalie continuamente a relação entre aquilo que é narrado, a maneira como é narrado e os valores implicados nessa narração.

Essa perspectiva aproxima-se da compreensão de Paul Ricoeur (1995) acerca da narrativa como configuração da ação humana. Ao ampliar a noção de ação para além dos acontecimentos exteriores, Ricoeur desloca o foco da narrativa para as transformações interiores que constituem a experiência moral das personagens:

Por ação, deve-se entender mais do que a conduta dos protagonistas produzindo mudanças visíveis da situação [...]. É ainda ação, num sentido amplo, a transformação moral de um personagem, seu crescimento e sua educação, sua iniciação à complexidade da vida moral e afetiva. (Ricoeur, 1995, p. 19)

Essa compreensão permite reconhecer que a ficção machadiana não se organiza em torno da oposição entre personagens moralmente virtuosas e moralmente condenáveis. O interesse da narrativa reside antes na representação dos processos pelos quais os sujeitos interpretam suas próprias ações, justificam seus desejos, reelaboram suas memórias e procuram atribuir sentido às próprias escolhas. Nesse contexto, a consciência moral não antecede a narrativa, mas constitui-se durante o desenvolvimento da experiência narrada.

Essa dinâmica torna-se ainda mais evidente quando Ricoeur afirma que a mimese pode deslocar-se da representação da ação para a representação do personagem e de seu próprio discurso. Ao mesmo tempo, o filósofo observa que a linguagem do personagem também constitui uma forma de ação, uma vez que dizer é igualmente agir no interior da narrativa (Ricoeur, 1995, p. 147). Em Machado de Assis, essa concepção revela-se particular-

mente fecunda, pois grande parte da ação narrativa realiza-se precisamente na elaboração discursiva das personagens. Frequentemente, são as justificativas, as hesitações, as lembranças, os silêncios e as interpretações oferecidas pelos narradores que produzem os principais conflitos do enredo.

A centralidade desse discurso narrativo desloca igualmente o papel do leitor, como observa Wayne C. Booth (1980), nenhuma narrativa é eticamente neutra, pois as próprias escolhas formais orientam determinadas respostas intelectuais, afetivas e morais do leitor. Além disso, as técnicas narrativas sempre implicam escolhas de natureza ética (Booth, 1980, p. 389). Assim, a leitura da ficção machadiana não consiste apenas em acompanhar acontecimentos, mas em participar continuamente de um processo de avaliação moral, no qual o leitor precisa decidir até que ponto aceita ou questiona as interpretações apresentadas pelo narrador.

Essa participação torna-se especialmente relevante porque os narradores machadianos raramente ocupam uma posição de absoluta transparência. Em vez disso, organizam os acontecimentos segundo perspectivas parciais, frequentemente marcadas pela autolegitimação, pela ironia e pela oscilação entre confissão e dissimulação. Roberto Schwarz (2000) observa que essa instabilidade não constitui mero traço psicológico das personagens, mas um procedimento estrutural da narrativa machadiana. Ao alternar continuamente credibilidade e descrédito, seriedade e ironia, o narrador transforma o próprio ato de narrar em um exercício permanente de manipulação interpretativa (Schwarz, 2000, p. 93).

Essa característica impede que o julgamento moral seja simplesmente fornecido pelo narrador. Ao contrário, a instabilidade de sua voz exige que o leitor examine criticamente os acontecimentos narrados, distinguindo entre a interpretação construída pela personagem e as possibilidades de sentido produzidas pela própria obra. A consciência moral passa, assim, a constituir-se no espaço de tensão entre a voz narrativa, os acontecimentos representados e a atividade interpretativa do leitor.

Essa perspectiva aproxima-se da leitura proposta por Alfredo Bosi (2002) ao afirmar que o olhar narrativo jamais reproduz a realidade de maneira neutra, mas seleciona, organiza e julga os acontecimentos segundo critérios simultaneamente culturais e morais (Bosi, 2002, p. 48). Na ficção machadiana, esse olhar não apenas descreve os fatos, mas produz uma determinada interpretação deles, tornando inseparáveis percepção, imaginação e julgamento. O conflito moral, portanto, não decorre exclusivamente das ações das personagens, mas do modo como essas ações são percebidas, narradas e reinterpretadas.

Sob essa perspectiva, a narrativa machadiana constitui um espaço privilegiado para investigar a formação da consciência moral. Mais do que apresentar respostas éticas, Machado de Assis constrói situações em que personagens e leitores são continuamente confrontados com ambiguidades, justificativas, autoenganos e conflitos de interpretação. A experiência moral deixa de ser um resultado da aplicação de princípios previamente estabelecidos e passa a emergir do próprio processo narrativo. É precisamente essa dinâmica que orientará as análises desenvolvidas nas próximas seções, dedicadas às narrativas “A Cartomante”, “O Enfermeiro”, “Dom Casmurro” e “Memórias póstumas de Brás Cubas”, buscando compreender como cada uma dessas obras mobiliza diferentes estratégias narrativas para configurar a consciência moral como uma experiência produzida pela própria narrativa.

As análises desenvolvidas nesta seção evidenciam que a ficção de Machado de Assis desloca a consciência moral do âmbito exclusivo da ação para o da interpretação narrativa. Em todas as obras examinadas, o problema central não reside apenas nos acontecimentos vividos pelos personagens, mas na maneira como eles são posteriormente narrados, reorganizados e ressignificados. A narrativa deixa de ser um simples relato da experiência para tornar-se o espaço em que a própria consciência se constitui.

Em “A Cartomante”, Camilo encontra na consulta à cartomante uma narrativa capaz de legitimar o desejo que já alimentava. Em *O Enfermeiro*, Procópio reconstrói sucessivamente a memória do homicídio até convertê-la em fatalidade. Em “Dom Casmurro”, Bentinho procura conferir unidade a uma existência marcada pela dúvida por meio de uma narrativa retrospectiva que estabiliza suas suspeitas. Por fim, em “Memórias póstumas de Brás Cubas”, a reorganização narrativa alcança sua forma extrema: mesmo após a morte, Brás Cubas continua reinterpretando sua vida, transformando fracassos em saldo moral por meio da ironia.

Esse percurso revela uma constante na poética machadiana: a consciência moral não se apresenta como uma realidade transparente ou imediatamente acessível, mas como um processo de elaboração narrativa. Os personagens não apenas vivem suas experiências; eles as reinterpretam continuamente, produzindo versões de si mesmos que procuram preservar sua identidade diante da culpa, da frustração ou do fracasso. Assim, Machado de Assis demonstra que a moralidade não se esgota nos fatos, mas emerge da narrativa que lhes atribui significado.

Essa compreensão aproxima a ficção machadiana da perspectiva adotada nesta pesquisa. Assim como nas narrativas da Bíblia Hebraica, a consciência moral não antecede a experiência narrada, mas se configura à medida que os acontecimentos são interpretados e incorporados a uma história. Sob

formas distintas, ambos os conjuntos de textos evidenciam que é na narrativa e não apenas na ação que o sujeito constrói a compreensão moral de si mesmo.

6. Aproximações entre a Bíblia Hebraica e a ficção de Machado de Assis

As análises desenvolvidas nesta pesquisa evidenciam que a aproximação entre a Bíblia Hebraica e a ficção de Machado de Assis não decorre de influências diretas ou de simples recorrências temáticas, mas de um procedimento narrativo compartilhado. Conforme propõem Ricoeur (1994; 2014), Alter (2007) e Rimmon-Kenan (2002), a narrativa não apenas representa a experiência humana, mas organiza os acontecimentos de modo a produzir identidade e significado. Nos textos analisados, a consciência moral não se apresenta como uma realidade psicológica previamente constituída; ela emerge à medida que os personagens interpretam os acontecimentos, reorganizam suas memórias e são confrontados por novas possibilidades de compreender a própria experiência.

A aproximação entre a narrativa de Adão e Eva e o conto “A Cartomante” evidencia que a decisão moral nasce da adesão a uma determinada interpretação da realidade. Em Gênesis 3, a serpente introduz uma nova narrativa sobre o fruto proibido, deslocando o horizonte interpretativo de Eva antes mesmo da transgressão. Em Machado de Assis, a cartomante oferece a Camilo uma narrativa igualmente sedutora, capaz de confirmar aquilo que ele já desejava acreditar. Como observa Alter (2007), as narrativas bíblicas constroem sentido por meio da economia narrativa e da transformação gradual da percepção das personagens; de modo semelhante, Machado demonstra que são as histórias nas quais os sujeitos escolhem acreditar que orientam suas decisões morais.

A narrativa de “Caim e Abel” e “O Enfermeiro” convergem ao demonstrar que a culpa não se encerra no ato cometido, mas se desenvolve na elaboração narrativa que o sucede. O diálogo entre Deus e Caim, assim como a confissão escrita de Procópio, revelam que a consciência moral se constitui quando o sujeito passa a interpretar retrospectivamente sua própria ação. Essa dinâmica confirma a compreensão de Ricoeur (2014) de que a identidade se configura narrativamente, ao mesmo tempo em que exemplifica o que Booth (1980) denomina dimensão ética da narrativa: o julgamento moral não é imposto pelo narrador, mas construído na relação entre texto e leitor.

A comparação entre Judá e Tamar e Dom Casmurro evidencia que a consciência moral depende do confronto entre narrativas concorrentes. Em

Gênesis 38, Tamar rompe a interpretação construída por Judá e o conduz ao reconhecimento de sua responsabilidade. Em “Dom Casmurro”, ao contrário, Bentinho procura preservar sua versão dos acontecimentos, impedindo que qualquer narrativa alternativa adquira autoridade suficiente para desestabilizar sua autocompreensão. Como observa Phelan (2007), toda narrativa estabelece uma relação ética entre narrador, personagens e leitor; é justamente nessa relação que a responsabilidade moral passa a ser construída, e não simplesmente declarada.

Por fim, a aproximação entre Davi e Natã e “Memórias póstumas de Brás Cubas” evidencia duas possibilidades distintas de reorganização da consciência. Enquanto Davi é transformado pela narrativa pronunciada por Natã, reconhecendo sua culpa a partir de uma história aparentemente alheia, Brás Cubas permanece senhor da própria narrativa, reinterpretando retrospectivamente sua existência pela ironia. Essa diferença confirma a observação de Auerbach (2021) de que as grandes narrativas não apenas relatam acontecimentos, mas revelam progressivamente a interioridade humana, ao mesmo tempo em que dialoga com a concepção ricoeuriana de que é pela configuração narrativa que uma vida adquire unidade interpretativa.

Essas aproximações permitem afirmar que a hipótese desta pesquisa encontra respaldo tanto na análise literária quanto na teoria narrativa contemporânea. Em diferentes épocas, gêneros e tradições, a Bíblia Hebraica e a ficção de Machado de Assis demonstram que a consciência moral não antecede a narrativa, mas é continuamente configurada por ela. Assim como sustentam Ricoeur (2014), Alter (2007), Booth (1980), Phelan (2007), Rimmon-Kenan (2002) e Auerbach (2021), é na organização narrativa da experiência – e não apenas nos acontecimentos em si – que o ser humano constrói a compreensão de seus atos, de sua identidade e de sua responsabilidade moral.

7. Considerações finais

A presente pesquisa teve como objetivo investigar de que maneira as estratégias narrativas presentes na Bíblia Hebraica e na ficção de Machado de Assis participam da construção da consciência moral das personagens. Por meio de uma pesquisa qualitativa, bibliográfica e comparativa, fundamentada nos procedimentos da pesquisa bibliográfica descritos por Gil (2008, p. 50), e orientada pela narratologia, pela hermenêutica filosófica e pela crítica literária, buscou-se compreender a narrativa como espaço de constituição da experiência moral, em consonância com a concepção de Ricoeur (1994, p. 75), segundo a qual a narrativa configura a experiência temporal e possibilita ao sujeito interpretar a própria existência.

As análises das narrativas de Adão e Eva, Caim e Abel, Judá e Tamar e Davi e Natã, em diálogo com “A Cartomante”, “O Enfermeiro”, “Dom Casmurro” e “Memórias póstumas de Brás Cubas”, evidenciaram que a consciência moral não se apresenta como um dado anterior à narrativa, mas emerge no processo de organização dos acontecimentos, da memória e da interpretação das personagens. Essa constatação confirma as observações de Alter (2007, p. 23) e Sternberg (1985, p. 186), para quem a economia narrativa, as lacunas e a participação ativa do leitor constituem elementos essenciais para a produção de sentido nas narrativas bíblicas, ao mesmo tempo em que dialoga com Booth (1980, p. 389) e Phelan (2007, p. 10), que compreendem a narrativa como um espaço de construção de julgamentos éticos.

No que se refere à ficção machadiana, verificou-se que a ironia, a memória e a instabilidade do narrador desempenham papel decisivo na constituição da consciência moral das personagens. As contribuições de Caldwell (2002, p. 29) e Schwarz (2000, p. 18) permitiram compreender que Machado de Assis desloca o julgamento moral para o próprio processo narrativo, exigindo do leitor uma participação crítica diante das versões apresentadas pelos narradores. Assim, a aproximação entre a Bíblia Hebraica e a obra machadiana demonstrou que, embora pertençam a tradições distintas, ambas convergem ao representar a consciência moral como resultado de um processo narrativo de interpretação da experiência humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTER, Robert. *A arte da narrativa bíblica*. Trad. de Vera Pereira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ASSIS, Machado de. *A cartomante. Várias histórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. *Dom Casmurro*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2014.

_____. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2014.

_____. *O enfermeiro. Várias histórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2021.

BÍBLIA. *Nova Versão Transformadora*. São Paulo: Mundo Cristão, 2016.

BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BOOTH, Wayne C. *A retórica da ficção*. Lisboa: Arcádia, 1980.

CALDWELL, Helen. *O Otelô brasileiro de Machado de Assis*. Trad. de Fábio Fonseca de Melo. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2002.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

PHELAN, James. *Experiencing Fiction: Judgments, Progressions, and the Rhetorical Theory of Narrative*. Columbus: The Ohio State University Press, 2007.

RICOEUR, Paul. *O si-mesmo como um outro*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

_____. *Tempo e narrativa*. Tomo I. Campinas: Papirus, 1994.

RIMMON-KENAN, Shlomith. *Narrative Fiction: Contemporary Poetics*. 2. ed. London: Routledge, 2002.

SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000.

STERNBERG, Meir. *The Poetics of Biblical Narrative: Ideological Literature and the Drama of Reading*. Bloomington: Indiana University Press, 1985.